

TÉCNICA DE AVALIAÇÃO DE DADOS (TAD) E FONTE EM INTELIGÊNCIA

DOI: <https://doi.org/10.58960/rbi.2023.18.232>

Irene Calaça *

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar a profissionais de Inteligência em formação o julgamento de fonte (conforme a Técnica de Avaliação de Dados - TAD), as dificuldades em estabelecer esse julgamento e possíveis formas de minimizá-las. Sabe-se que o conhecimento produzido pela Atividade de Inteligência é utilizado para reduzir incertezas dos usuários, e que deve ser elaborado a partir de metodologia. Uma das etapas é a checagem da fonte e do dado por ela produzido, que auxilia a qualificar o conhecimento de Inteligência e atestar sua veracidade. Dados em Inteligência são oriundos de fontes abertas, meios tecnológicos e fontes humanas. A idoneidade dessas fontes é julgada por três aspectos: autenticidade, confiança e competência; já a credibilidade do conteúdo, por coerência, compatibilidade e semelhança dos dados. Podem interferir na análise de idoneidade da fonte questões como: diferenças taxonômicas entre órgãos; interpretações diversas de dados obtidos por meios técnicos ou órgãos parceiros; existência de rumor; interferência de vieses cognitivos na percepção da fonte; necessidade de adaptação da TAD tanto para fontes humanas, como fontes tecnológicas; necessidade de checagem de imagens, gravações de voz, vídeo e outras quanto a inconsistências temporais, geográficas ou de metadados. Essa é uma área basilar para a Inteligência, que exige do analista pensamento crítico e capacidade de trabalho em equipes horizontais, com revisão pelos pares; e exige da instituição oferta de meios tecnológicos para aprimoramento de análises, além de melhoria do sistema de armazenamento e recuperação de dados, de forma a permitir a reavaliação desses com certo distanciamento histórico.

Palavras-chave: Técnica de Avaliação de Dados; fonte; idoneidade da fonte.

DATA EVALUATION TECHNIQUE AND INTELLIGENCE SOURCE

Abstract

The aim of this study is presenting to Intelligence intern the judgment of the source (according to the Data Evaluation Technique, TAD, in Portuguese), the difficulties in establishing this judgment and possible ways to minimize them. It is known that the Intelligence knowledge is used to reduce the uncertainties of users, and that it has a methodological basis. One of the stages of the process is the verification of both the source and the produced data, which helps to qualify the Intelligence's knowledge and attest to its veracity. Intelligence data comes from open sources, technological means and human sources. The adequacy of these sources is judged from three aspects: authenticity, reliability, and competence. The credibility of the content is evaluated through the coherence, compatibility and similarity of the data. Issues that may affect the analysis are: taxonomic differences between organizations; different interpretations of technical mean data or partner data; existence of rumor;

* Especialista em Bioética pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Oficial de Inteligência da Agência Brasileira de Inteligência.

interference of cognitive biases in the perception of the source; adapting the TAD to both human and technological sources; checking images, voice recordings, video and the like for temporal, geographical or metadata inconsistencies. This is a key area for Intelligence, which requires from the analyst critical thinking and ability to work in horizontal teams, with peer review. It also demands from the organization technological means to improve the analysis, as well as improve the data storage and retrieval system, in order to allow the reassessment of these with a certain historical impartiality.

Keywords: *Data Evaluation Technique; source; source reliability.*

TÉCNICA DE EVALUACIÓN DE DATOS Y FUENTES DE INTELIGENCIA

Resumen

El objetivo de este estudio es presentar a los internos de Inteligencia el juicio de la fuente (según la Técnica de Evaluación de Datos, TAD, en portugués), las dificultades para establecer este juicio y las posibles formas de minimizarlas. Se sabe que el conocimiento producido por la Actividad de Inteligencia se utiliza para reducir las incertidumbres de los usuarios, y que debe ser elaborado a partir de la metodología. Uno de los pasos es la verificación de la fuente y los datos producidos por ella, lo que ayuda a calificar el conocimiento de la Inteligencia y atestiguar su veracidad. Los datos de Inteligencia provienen de fuentes abiertas, medios tecnológicos y fuentes humanas. La idoneidad de estas fuentes se juzga desde tres aspectos: autenticidad, fiabilidad y competencia. La credibilidad del contenido se examina a través de la coherencia, compatibilidad y similitud de los datos. Pueden perjudicar el análisis cuestiones como diferencias taxonómicas entre órganos; diversas interpretaciones de los datos obtenidos por medios técnicos u organismos asociados; existencia de rumores; interferencia de sesgos cognitivos en la percepción de la fuente; la necesidad de adaptar la TAD a las fuentes humanas y tecnológicas; la necesidad de verificar imágenes, grabaciones de voz, vídeo y otros para detectar inconsistencias temporales, geográficas o de metadatos. Esta es un área clave para la Inteligencia, que requiere que el analista piense críticamente y trabaje en equipos horizontales, con revisión por pares; y requiere que la institución ofrezca medios tecnológicos para mejorar el análisis, así como mejorar el sistema de almacenamiento y recuperación de datos, a fin de permitir la re-evaluación de estos con cierta imparcialidad histórica.

Palabras clave: *Técnica de Evaluación de Datos; fuente; confiabilidad de la fuente.*

Introdução

Com base em pesquisa bibliográfica aberta, o presente artigo apresenta e discute a Técnica de Avaliação de Dados (TAD) na Atividade de Inteligência, aponta áreas nebulosas que envolvem a checagem da idoneidade da fonte e traz alguns meios para sobrepujá-las. O material se divide em quatro tópicos. Nos dois primeiros, breve exposição teórica (“Sobre Fontes e Dados” e “A Técnica de Avaliação de Dados -TAD”). Indagações levantadas pela prática encontram-se reunidas em “Nublado a fonte”, e ajustes são propostos em “Clareando a fonte”. O material se destina, principalmente, a profissionais de Inteligência em formação.

Sobre fontes e dados

No Brasil, “dados” são “qualquer representação de coisa ou evento não produzida pelo profissional de Inteligência” (DNAI, BRASIL, 2016).

Fonte de dados na Inteligência são documentos, meios técnicos e fontes humanas (parceiros, recrutados e

colaboradores) que estejam ligados a eventos e sejam aptos a repassar aos profissionais de Inteligência dados que armazenam, conhecem, acompanham ou testemunham. Essas fontes são espécie de lente, a qual deve ser ajustada para permitir a visualização mais fidedigna¹ possível de fatos, estados ou eventos.

O dado² fornecido pela fonte deve ser analisado de acordo com a Técnica de Avaliação de Dados (TAD) e, a depender de sua qualidade, receber respaldo para ser ou não usado em conhecimento de Inteligência.

Nesse processo, vale lembrar que:

o conhecimento é formado por juízos mentais, raciocínios complexos e representações conceituais, os quais descrevem e interpretam eventos e dados, e se manifestam através da linguagem; e

existem quatro estados da mente frente à expressão da verdade – certeza, quando a mente acredita³ na concordância integral entre imagem formada e o objeto a ser representado; opinião, quando há conformidade parcial (provável) entre

1 O conhecimento objetiva atingir a verdade, e é conceituado como “a representação de coisa ou evento real ou hipotético, de interesse para a Atividade, produzida pelo profissional de Inteligência” (DNAI, BRASIL, 2016, p. 57).

2 O termo “dado” é encontrado com, pelo menos, dois escopos diferentes: a Doutrina de Inteligência de Segurança Pública (2009) e outras, conforme descritas em Irwin e Mandel (2019), Capet e Revault D’Allonnes (2014), sugerem a organização das unidades de informação em três níveis, que se distinguiriam por seu maior ou menor processamento e qualidade, a saber: dados (brutos); informação (organização dos dados por meio de técnicas estruturadas e metodologia, que geraria novo conteúdo semântico e significado) e conhecimento de Inteligência (raciocínio elaborado a partir da Metodologia de Produção do Conhecimento). Por outro lado, a Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência (BRASIL, 2016) teria mantido dois níveis (dado e conhecimento de Inteligência), abordagem que ora adotamos.

3 É preciso atentar que, quando em estado de certeza, o sujeito imagina ter atingido a verdade, e pode manter suas convicções mesmo diante de erros – por exemplo, quando está sob influência de vieses cognitivos e não percebe a inadequação dos argumentos que utiliza. Detalhes em Machado, 2018.

imagem e objeto; dúvida, quando há razões tanto para se aceitar, como para se refutar a imagem criada; ignorância, quando a mente não consegue visualizar nenhuma imagem do objeto.

A relação entre conhecimento, estados da mente e posicionamento do profissional em relação à verdade delinea a compreensão de certeza e incerteza na Atividade de Inteligência e se reflete na produção de conhecimento.

O conhecimento produzido pela Atividade de Inteligência é utilizado para reduzir as incertezas dos usuários, e deve ser elaborado a partir da metodologia de produção de conhecimento (MPC), para que possa representar a realidade o mais fielmente possível e com o mínimo de ambiguidades.

Importante componente das fases Reunião e Processamento na MPC é a checagem da fonte e do conteúdo, do dado por ela produzido, a fim de qualificar o conhecimento e atestar sua veracidade. Contudo, é importante lembrar que que dados são representações de coisas e eventos que, por sua adequação, são apropriadas pelo profissional de Inteligência no processo de construção do conhecimento.

Os dados podem ser compostos por observações simples sobre fatos, estados ou eventos e caracterizam-se por serem estruturáveis, quantificáveis, transferíveis e coletáveis. Eles podem ser obtidos de forma automática, por máquinas e sensores, e

serem representados e transmitidos através de diversos suportes: forma textual, gráfica ou por sinais (LUZ, 2019, p. 27). O dado só recebe significância, ou seja, passa a ser conhecimento, quando processado pelo analista através da MPC.

Os dados que servem de base para a produção do conhecimento pelo analista são produzidos por fontes que podem ser pessoas, imagens, sinais, documentos e bases de dados obtidos através de coleta e análise. Kaminski (2019) lembra que proteger fontes e métodos empregados na produção de conhecimento faz parte da segurança nacional de cada país.

As fontes de dados em Inteligência, por sua vez, são originárias de fontes abertas, meios tecnológicos e fontes humanas. A Inteligência de fontes abertas (OSINT) surge da coleta dados de fontes disponíveis para o público geral, como periódicos técnicos, internet, meios de comunicação, redes sociais e dados estatísticos. OSINT também pode incluir informações que, embora não-classificadas, são consideradas sensíveis, como dados pessoais, econômicos e de produção (KAMINSKI, 2019, p. 98).

A Inteligência oriunda de sensores e meios tecnológicos é bastante diversificada. A Inteligência de imagens (IMINT) deriva da análise de imagens fixas e vídeos; a Inteligência geográfica (GEOINT) utiliza imagens enriquecidas com dados geoespaciais; a Inteligência de sinais (SIGINT) capta dados oriundos do espectro

eletromagnético (Inteligência eletrônica e de comunicações); a Inteligência de medidas e assinaturas (MASINT) registra medidas de eventos como explosões atômicas; e, finalmente, a Inteligência cibernética (CYBINT) emprega dados obtidos no espaço cibernético (BRASIL, IMT, 2015, p. 19-23)⁴.

A Inteligência de fontes humanas (HUMINT), por outro lado, envolve a coleta de informações por seres humanos, seja aberta ou secretamente. O uso de fontes humanas implica risco (inclusive legal) e requer cuidado no gerenciamento dessas, para que se possa separar a opinião pessoal da fonte humana daqueles dados que ela dispõe, a fim de se chegar à verdade. O gerenciamento também acontece por necessidade de acompanhamento psicológico durante todo o processo, principalmente por ocasião do desligamento da Atividade, para evitar saídas não-amigáveis e danos à imagem da instituição (KAMINSKY, 2019; BURKETT, 2013; RONIN, 2002).

De acordo com Kaminski (*ibidem*), a Atividade de Inteligência adquire maior valor quando consegue conciliar dados

de diferentes fontes, na denominada *All-source Intelligence* (Inteligência de todas as fontes). É uma empreitada difícil, pois a compilação de dados costuma ser efetuada por diferentes órgãos do governo, que possuem objetivos próprios e buscam se destacar perante a administração pública e a sociedade para obtenção de recursos, o que dificulta a manutenção do sigilo⁵ e gera relutância para cooperação⁶ e compartilhamento de dados.

A Técnica de Avaliação de Dados (TAD)

Como avaliar se a fonte e o dado por ela produzido são corretos e confiáveis, ou seja, se detêm a qualidade necessária para compor conhecimento de Inteligência? Pela aplicação de Técnica de Avaliação de Dados (TAD), que julga a idoneidade de fonte (do produtor do dado) e a credibilidade dos dados, no intuito de garantir maior aproximação com a verdade. A Doutrina de Inteligência de Segurança Pública (DNISP, 2009), por exemplo, propõe que se confira a idoneidade da fonte por três aspectos: autenticidade, confiança e competência.

(i) Autenticidade, verifica-se se o

4 Atualmente existem sites, programas e aplicativos que auxiliam os interessados a checarem adulteração de imagens e vídeos, o que facilita a avaliação dos dados, como TinEye, Google Earth, SunCalc, Cybermap Kaspersky e outros, a depender da necessidade.

5 Lahneman (2010) trabalha a questão do sigilo e do repasse de dados nos Estados Unidos da América (EUA). O autor esclarece que a concepção tradicional da corrente de informação divide os dados entre os já conhecidos e os a conhecer, os dados secretos e os abertos. Atualmente, a comunidade de Inteligência estaria inserida em novo perfil, de acordo com o qual todos participariam do preenchimento de quebra-cabeças único ao elaborar o conhecimento de Inteligência. Assim, além de dados abertos e secretos, far-se-ia necessária outra categoria de dados – os dados “confiáveis”, advindos de parceiros do governo. O rótulo “confiável” contornaria o “sigiloso” e facilitaria a intermediação de dados e conhecimentos entre parceiros.

6 Exemplo de relacionamento conflituoso numa mesma comunidade de Inteligência tem lugar entre a Agência Central de Inteligência (CIA) e a Direção Nacional de Inteligência (DNI), nos EUA (ROSE, 2017).

dado ou conhecimento provém realmente da fonte presumida (originou o dado), ou de intermediários. (...)

(ii) Confiança (...), verifica-se, sobre a fonte, antecedentes e comportamento social, colaboração anterior procedente e motivação de ordem ética ou profissional. Pode-se considerar, ainda, instrução, valores, convicções, maturidade.

(iii) Competência, verifica-se se a fonte é habilitada (técnica, intelectual e fisicamente), e detinha (... condições ambientais adequadas) para obter aquele dado específico.

(i) Coerência, verifica-se se o dado apresenta contradições em seu conteúdo, no encadeamento lógico (cronologia) e na harmonia interna (sequência lógica); (também pode ser empregado para definir a autenticidade da fonte).

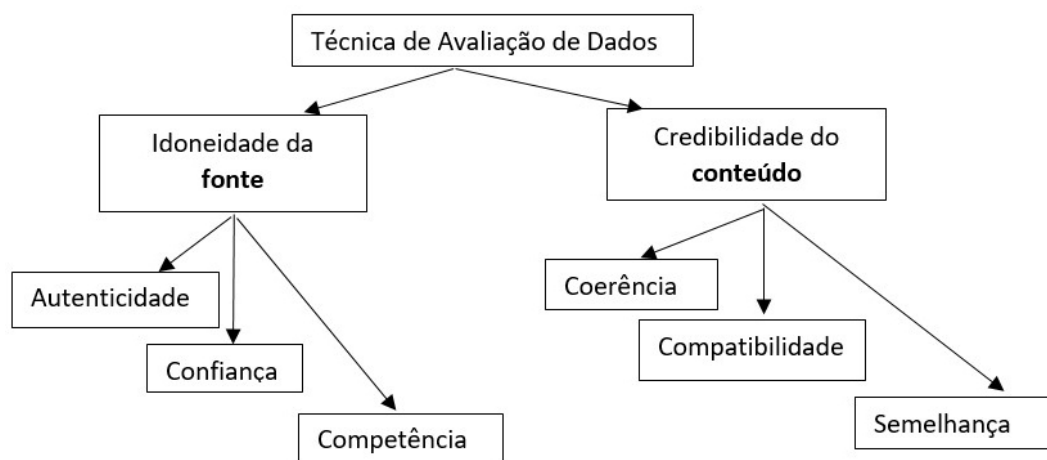
(ii) Compatibilidade, verifica-se o grau de harmonia com que o dado se relaciona com outros dados conhecidos (se é factível).

(iii) Semelhança, verifica-se se há outro dado, oriundo de fonte diversa, que venha reforçar, por semelhança, os elementos do dado sob observação.

Em relação ao conteúdo do dado, a DNISP (2009) sugere a verificação da credibilidade por três aspectos:

A TAD pode ser visualizada no seguinte esquema:

Figura 1 - Esquema da TAD



Fonte: elaborado pela autora

A TAD se realiza por série de questionamentos aos quais o profissional de inteligência busca responder: existe a certeza de que o dado foi realmente proferido por fonte qualificada no contexto descrito? O conteúdo representa a realidade em sua totalidade? Teria sido adulterado?

Há dúvidas ou inconsistências, ainda que parciais, que não permitam plena aceitação do conteúdo? Adiante listamos questionamentos a serem esclarecidos durante julgamento de fonte e conteúdo. Note que alguns quesitos de um e outro elemento se inter-relacionam.

Quadro 1 - Questionamentos sobre fonte e conteúdo

ANÁLISE DA FONTE:	ANÁLISE DO CONTEÚDO:
Quem é a real fonte do conteúdo?	De onde provém o conteúdo? Dados de autoria.
É possível estabelecer autenticidade da fonte?	Quando foi proferida a mensagem? Checar datas.
É fonte qualificada (possui autoridade) para proferir o enunciado?	Em que contexto foi proferida a mensagem?
É fonte primária ou secundária?	O conteúdo é coerente ou existem incongruências (temporais, geográficas, técnicas, linguísticas)?
E fonte ou canal de difusão da mensagem?	Os <i>metadados</i> (informações incorporadas ao arquivo) encontram-se alterados? Podem ser checados por sites e programas?
É patrocinadora? Intenções/agenda da fonte.	Há evidências que confirmem o enunciado?
Assina abertamente o conteúdo?	O conteúdo é original?
Há indicação de contato, credenciais?	O conteúdo é embasado ou opinativo?
A URL revela algo sobre a fonte? (por exemplo: .com; .edu; .gov; .org);	O conteúdo foi confirmado por outras fontes? Há frações de conteúdo que se correlacionam com as de outros meios de coleta?
Já forneceu dados verídicos anteriormente?	O conteúdo foi confirmando por fontes amigas, hostis ou independentes?
Em qual contexto emitiu o enunciado? Quando?	Conexões em redes sociais (contatos, análise de sentimentos)
Informações involuntárias na mensagem (opiniões, registros...)	
A fonte é vulnerável a manipulações?	
O que a fonte esperava observar?	

Fonte: Dados compilados pela autora a partir de: DNAI (2016); DNISP (2009); LAHNEMAN (2010); IRWIN e MANDEL (2019).

A partir das respostas obtidas, formaliza-se, com recursos linguísticos, o estado de certeza do analista em relação ao dado ou fração de dado examinada, conforme o “estado da mente” visto anteriormente. A fonte seria considerada idônea, parcialmente idônea ou inidônea. O conteúdo seria confirmado por outras fontes, provavelmente verdadeiro, possivelmente verdadeiro, duvidoso ou improvável – os termos e a forma de expressão dependeriam da taxonomia empregada por cada órgão de Inteligência.

Após essas considerações, o profissional de Inteligência encontra-se apto a descartar o dado (ou sua fração) ou a utilizá-lo parcial ou integralmente nas demais etapas da MPC.

A qualidade dos dados utilizados impacta diretamente a qualidade do conhecimento de Inteligência e sua aceitação (utilização) ou não pelo usuário (tomador de decisão). Por um lado, faz-se necessário o uso da TAD, a fim de que o conhecimento não se contamine, não se torne impreciso ou de credibilidade duvidosa, nem seja processado erroneamente. Por outro lado, o valor desse conhecimento precisa atingir o usuário, que nele reconheceria pertinência, precisão, consistência, confiabilidade e atualidade – entre outras qualidades (LUZ, 2019, p. 31-33).

A TAD foi desenvolvida para avaliar fontes humanas e foi estendida para aplicação em dados obtidos por mediação tecnológica

(LEMERCIER, 2014). Os aspectos de avaliação da fonte (autenticidade, confiança e competência) e do conteúdo (coerência, compatibilidade e semelhança) são bastante amplos e acolhem detalhes pertinentes a diferentes tipos de fontes, contudo demandam ser adaptados às diferentes características de fontes humanas e tecnológicas. A aplicação da TAD depende sobremaneira do profissional que a utiliza.

Em um primeiro momento, o profissional deve se inquirir se está lidando com a fonte produtora do dado (meio tecnológico ou fonte humana primária) ou seu canal (retransmissor), isto é, se o dado provém de indivíduo ou equipamento que efetivamente o produziu, ou se o dado foi retransmitido a partir de algum meio. Adiante, precisa considerar que os dados oriundos de meios tecnológicos (imagens, gravações de voz, vídeo e outras) devem ser checados quanto a inconsistências temporais, geográficas ou de metadados.

Ao avaliar fontes humanas, o profissional também deve lembrar que o ser humano possui desejo inerente de influenciar seu ouvinte de modo a lhe atrair a atenção ou obter alguma regalia; ou então se esquece de detalhes; possui antecedentes que o comprometem; confirma dados em que acredita. Assim, é bom considerar aspectos como a existência de vieses cognitivos, características psicológicas, objetividade do relato, proximidade do evento, restrições e motivações de todas as fontes envolvidas –

e mesmo do canal – durante a avaliação.

Muito interessante o exemplo de análise de fonte/conteúdo em relação ao *Twitter*, uma rede social caracterizada pela relativa anonimidade, concisão e agilidade, proposta por Pichon *et alii* (2014). Os autores levantam atributos diferenciados (multi critérios) que, quando usados de forma agregada, facilitam o julgamento de idoneidade de fonte, tais como: enriquecimento que o dado divulgado trouxe ao usuário; exame do nome de usuário e foto de perfil utilizados na conta; reputação perante outros usuários (obtida através de análise de conteúdo ou análise relacional); função agregadora exercida pela fonte (diversidade de fontes comprovadas que cita; explicação metodológica de como coletar os dados; centralidade e precedência ao divulgar os dados, entre outras); envolvimento pessoal da fonte na produção do dado, legitimidade (proximidade geográfica, testemunho); e riqueza de expressão.

Com frequência, quem atua em operações

de Inteligência, ao mencionar “fonte”, tem em mente o agente “recrutado”, *i. e.*, colaborador externo que possui acessos no campo operacional, enquanto quem trabalha com análise de Inteligência associa o termo a “produtor” da mensagem ou mesmo OSINT. Essa polissemia é uma das anomalias com as quais os serviços de informação precisam lidar. Como evitá-la? Talvez, identificar o tipo de fonte na primeira vez em que for mencionada no documento, elucidar contextos, propiciar treinamento e reciclagem dos profissionais.

Não há parâmetros unificados para aplicação da TAD nos órgãos de Inteligência. O “*Admiralty Code*”, utilizado por países integrantes ou próximos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), apresenta gradação de critérios de avaliação, em que as letras de A até F representam a idoneidade da fonte, e os números de 1 a 6, a credibilidade do conteúdo do dado (IRWIN; MANDEL, 2019, p. 2-3; HANSON, 2015). A Inteligência militar brasileira utiliza código semelhante, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 - Avaliação do dado

JULGAMENTO DA FONTE	JULGAMENTO DO CONTEÚDO
A- Inteiramente idônea	1- Confirmado por outras fontes
B- Normalmente idônea	2- Provavelmente verdadeiro
C- Regularmente idônea	3- Possivelmente verdadeiro
D- Normalmente inidônea	4- Duvidoso
E- Inidônea	5- Improvável
F- A idoneidade não pode ser avaliada	6- A veracidade não pode ser avaliada

Fonte: BRASIL. [PCI]. (2019, p. 2-19).

Nublado a fonte

Apesar da aparente objetividade da TAD e de suas gradações, registram-se áreas nebulosas que não são atendidas pela técnica.

Primeiro ponto nebuloso: cada órgão de inteligência é autônomo em relação à taxonomia que emprega. Se uma agência estipular apenas três graus para avaliar a fonte (como inteiramente idônea, parcialmente idônea ou inidônea), surgiria lacuna de interpretação entre essa e a Inteligência militar (vide Quadro 2). Da mesma forma, grande detalhamento de opções não confere, necessariamente, maior precisão à avaliação, pois depende da subjetividade do avaliador em discernir o que seria fonte “normalmente idônea” daquela “regularmente idônea”, por exemplo. E até que medida o usuário final estaria preparado para distinguir essas nuances? (LUZ, 2019: 46-48)

Segundo ponto: há que se levantar a questão da interpretação dos dados advindos de diferentes meios ou órgãos parceiros (CAPET; REVAULT D'ALLONNES, 2014). Às vezes, dados coletados por drones, sensores ou parceiros contradizem informações recebidas de outras fontes, são desconexos ou difíceis de interpretar. Sob quais condições foram obtidas gravações? Essas condições influenciariam no estudo

do dado pelo analista? Como interpretar a credibilidade de frações críveis, mas contraditórias? E se o profissional de Inteligência que gerenciar a fonte humana não for o mesmo que estiver processando o conhecimento⁷? Como esse último interpretaria os dados, ao considerar as peculiaridades individuais da fonte?

Outra questão seria que a confirmação de um dado por fontes “independentes” não se traduziria, necessariamente, em confirmação da credibilidade, uma vez que pode estar acontecendo redundância ou rumor (fenômeno de amplificação de notícias durante alguma operação de desinformação ou mesmo divulgação de dado proveniente de fonte única por parceiros diferentes). E se o dado que contraria todas as demais fontes se originasse de um informante? Qual seria o peso de uma e outra fonte frente à ambiguidade? Quem escolheria a fração a ser utilizada? A experiência (subjetividade) do analista?

Quarta área cinzenta: credenciar alguma fonte, a priori, como idônea. A idoneidade é característica mutável conforme contexto, acesso, capacidade e interesses (CAPET; REVAULT D'ALLONNES, 2014). Por exemplo, houve um ato terrorista. A fonte X trabalha em hospital, teria acesso ao local do ataque e estaria capacitada a repassar informações sobre quantas pessoas

7 Por questões de segurança, o ideal é que, ao lidarem com fontes humanas, os Serviços de Informação deleguem etapas diferentes de trabalho a pessoas diferentes – por exemplo, o profissional de Inteligência que estabelece o primeiro contato com eventual fonte não é o mesmo que a abordará depois, nem aquele que gerenciará (orientará e registrará) as atividades da fonte no transcorrer dos trabalhos (RONIN, 2002).

morreram ou se encontram feridas, mas não estaria qualificada a esclarecer que tipo de bomba foi utilizada, qual *modus operandi* dos agressores. A fonte X é idônea em relação a X', não a outros tipos de informação (BLOCK, 2021).

Quinta nebulosa: há considerável variação linguística entre indivíduos que utilizam diferentes termos lexicais para se referir ao mesmo grau de incerteza, ou então, fazem uso das mesmas expressões para se referir a graus de incerteza discrepantes (DHAMI, 2018, p. 2). Além disso, ao se considerar a existência de profissional de Inteligência gerenciador de fonte, seria importante oferecer relato cru do dado recebido para a análise? Há que se manter a coloquialidade, ou forjar a credibilidade do usuário final ao se identificar pontos sensíveis? (McLachlan *apud* BLOCK, 2021).

Uma última questão seria o uso seguro de “fontes abertas”. Termo historicamente relacionado a documentos, artigos científicos, dados e estatísticas governamentais (UNITED STATES, 2012), OSINT encontra-se, atualmente, ligada a reportagens veiculadas pela mídia aberta, redes sociais e *big data*, e exige mediação de Inteligência Artificial, programas e aplicativos especiais para que sejam acessados em sua plenitude e com qualidade, conforme descrição de Williams e Blum (2018).

Sob a perspectiva da Contrainteligência, é preciso levar em consideração se a utilização

dos referidos programas consistiria em vulnerabilidade para a produção do conhecimento. Os indivíduos que elaboraram tais programas são orgânicos? Se forem terceirizados, teriam acesso direto a fontes ou dados pesquisados durante a execução do trabalho? Como garantir o princípio de segurança?

Clareando a fonte

A Técnica de Avaliação de Dados, aparentemente, consegue se adaptar aos avanços tecnológicos, contudo ainda depende do profissional de Inteligência para aplicá-la a conteúdo, e dirimir eventuais dúvidas sobre dados e suas fontes e evitar vieses cognitivos e erros.

A seguir, tecemos comentários que minimizam as seis nebulosas elencadas no tópico anterior, a saber: redundância de fonte; rotulação de fonte como idônea; diferenças em taxonomias, na interpretação de dados e na forma de expressão de profissionais de Inteligência; e, ainda, questões de segurança.

Quando um evento que comporta diversas perspectivas é descrito de forma similar por várias fontes, é prudente buscar checar se não se trata de versão originada em uma única fonte e difundida como se pertencesse a fontes distintas. Nesse caso, a validação do dado por fonte antagônica (por exemplo, a Arábia Saudita confirma informação da Síria) seria de maior utilidade (IRWIN; MANDEL, 2019).

Evitar rotular fonte, a priori, como idônea. Faz-se necessário considerar contexto, acessos e motivações da fonte caso a caso. Há que se checar cada fração de dado conforme a TAD e verificar se o novo dado se ajusta a outros conhecimentos, se trouxe consequências que podem ser checadas (CAPET; REVAULT D'ALLONNES, 2014).

A dificuldade de interpretação de dados oriundos de determinado meio tecnológico, de HUMINT, de diferentes taxonomias e de variações linguísticas pode ser minimizada com aproximação e diálogo entre o profissional de Inteligência que gerencia a fonte humana (ou que acessa diretamente o dado do meio tecnológico) e aquele que processa o conhecimento de Inteligência. Assim, pontos dúbios poderiam ser esclarecidos, e haveria verdadeiro trabalho de equipe entre pares.

A segurança no uso de programas e aplicativos terceirizados pode ser assegurada pela checagem deles por pessoal especializado interno ao serviço, ou com apoio de ferramentas especiais, como TOR⁸, ou mesmo pela transferência de ferramentas que sejam vulneráveis para redes paralelas, as quais não permitam acesso a dados sensíveis do órgão.

Vimos que a aplicação da TAD depende do profissional de Inteligência. Machado (2018) sugere que a neutralidade na

produção de conhecimento seja assegurada pela capacitação do analista em pensamento crítico, para que este entenda o modo pelo qual concatena ideias e raciocínios e melhore a percepção de si e do mundo, de forma a adaptar a mente mais rapidamente às transformações. Outras propostas levantadas pelo autor são melhoria do sistema de armazenamento e recuperação de dados, de forma a permitir reavaliação de dados e fontes com certo distanciamento histórico; e trabalho de equipes horizontais com verificação pelos próprios pares.

De nossa parte, sugerimos a criação de fóruns de discussões para pensar quais questionamentos (Quadro 1) atenderiam mais rapidamente o julgamento de cada tipo de fonte e conteúdo, para evitar dispersões e retrabalhos, em espécie de lista de checagem, como a preenchida por pilotos antes de cada voo. Vídeos e imagens poderiam ser conferidos pelo software X; gravações sonoras, pelo Y; a agência de Inteligência do país Z se interessa pela área de agronegócio e já atuou na área geográfica Z', buscando dados sobre Z", tendo como parceiros Z""; e assim por diante.

Bastante atual a visão de Katz e Vardi (2008, p. 316-317) sobre a dinâmica do pensamento do profissional de Inteligência na avaliação de dados. Os autores sugerem a existência de dois mundos: o externo, composto de fatos e eventos; e o interno, um mundo em que o profissional de

8 TOR (*The Onion Router ou roteador cebola*) é software livre e de código aberto que protege identidade e privacidade do usuário (BARBOSA, 2020).

Inteligência explica, percebe, interpreta e hierarquiza possíveis cenários do mundo externo. Somente ao criar modelos mentais, o profissional consegue avaliar e comparar o mundo real com o dos diferentes cenários e distingue o melhor caminho a seguir. Não obstante, esses modelos podem ser afetados por distorções, denominadas vieses cognitivos, e as mais recorrentes na Inteligência são: ambiguidades (variedade de opções e variantes que se sobrepõem e dificultam a tomada de decisão); parâmetros de validade (emprego de valores subjetivos, experiências pessoais, incertezas e pressuposições como parâmetros, os quais são difíceis de justificar e validar, e que exigem abordagem crítica para serem evitados); conhecimento tácito (as avaliações dos tomadores de decisão e dos avaliadores dos dados podem ser influenciadas por opções coletivas pré-definidas, as quais, muitas vezes, distorcem os dados); avaliação contextual (um mesmo dado é percebido de forma diferente conforme experiências anteriores do avaliador, o que gera diferentes percepções do contexto); e modelos de referência (parâmetros de coleta de dados desconhecidos e mesclados, oriundos de diferentes organizações ou adaptados diretamente da intuição do tomador de decisão). Assim, cada fração de dado analisado estaria sob potencial influência

dessas fontes de ruído ou distorção.

Para Katz e Vardi (2008), apesar do processo de distorção, é possível identificar “estrutura constante”, a “verdade”, através de peças relevantes dissolvidas nos dados distorcidos. Os especialistas sugerem que o analista examine “sintomas” e “sinais” e que usem o conhecimento próprio para diagnosticar se o evento está ou não acontecendo, se é ou não verdadeiro⁹. Se não for possível chegar a resultado imediato, alternar o modo de pensar (dedutivo ou analítico), refazer diagnóstico - aqui, a importância do distanciamento histórico mencionado por Machado (2018) -, reanalisar criticamente o caminho percorrido até o momento e fazer correções. Doronin (2016, p. 65) lembra que, na prática, há casos em que a informação confiável se oriunda de fonte não-confiável e vice-versa. A sobreposição de dados obtidos de diferentes fontes acerca de um mesmo contexto, ou, então, a checagem, junto a cada fonte, de como ela obteve o dado, podem auxiliar o profissional a apreender a verdade.

Considerações finais

Ainda existem necessidades práticas e teóricas relacionadas à TAD que precisam ser atendidas? Sim. Sempre há espaço para se desenvolver estudos sobre

9 Nosso exemplo de “sintomas” e “sinais”: meio de comunicação “não-confiável” afirma que golpe de Estado no país X, promovido com auxílio de países considerados “aliados” de X, foi evitado com auxílio do país Y (um inimigo), que preveniu X. Alguns países “aliados” negam o evento, outros não comentam, mas série de sinais podem ser identificados: fuga de grupo de indivíduos do país X para os países “aliados”, estremecimento de relações entre X e seus aliados, aproximação de X com Y, alterações em relações comerciais. A verdade pode ser vislumbrada pelos eventos, independentemente de rótulos e afirmativas.

avaliação de capacidade e motivação de fonte, abordagem, gerenciamento de fontes (BURKETT, 2013; DORONIN, 2009). Nesse processo, os profissionais de Inteligência devem ser protagonistas, buscar e propor soluções que atendam às necessidades que surgem, uma vez que fazem parte tanto do problema, como de sua solução.

O primeiro passo para a melhoria da qualidade do produto da Inteligência

inicia-se com a capacitação do profissional de Inteligência, com provimento de ferramentas computacionais, oferta de cursos e seminários a todos, para que compreendam e empreguem, efetivamente, as técnicas necessárias à produção do conhecimento. Após isso, precisam ser conduzidas discussões na comunidade de Inteligência, para que se pense o futuro e as ferramentas que queremos para a Inteligência brasileira.

Referências

BARBOSA, Daniel C. *O que é o TOR e para que serve?* 30 dez. 2020. Disponível em: <https://www.welivesecurity.com> . Acesso em: 18 abr. 2023.

BLOCK, Ludo (2021). *The origin of information grading systems*. 20 jan. 2021. Disponível em: <https://www.blockint.nl/methods/the-origin-of-information-gradin-systems/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. *Produção do Conhecimento de Inteligência [PCI]*. Brasília: Comando de Operações Terrestres, 2019. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/3270>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. *Produção do Conhecimento de Inteligência [PCI]*. Brasília: Comando de Operações Terrestres, 2019. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/3270>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BRASIL. Decreto nº 8793, de 29 de junho de 2016. *Fixa a Política Nacional de Inteligência*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Decreto/D8793.htm. Acesso em: 18 abr. 2023.

BRASIL. Gabinete de Segurança Institucional. Agência Brasileira de Inteligência. *Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência [DNAI]: fundamentos doutrinários*. Brasília: Abin, 2016.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. *Inteligência militar terrestre [IMT]: manual de fundamentos*. 2. ed. Brasília: Estado Maior do Exército, 2015. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/95/1/EB-20-MF-10.107.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública. *Doutrina Nacional de Inteligência de Segurança Pública [DNISP]*. Brasília, 2009. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BURKETT, Randy. An alternative framework for agent recruitment: from MICE to RASCLS. *Studies in Intelligence*, v. 57, n. 1, p. 7-17, Mar. 2013.

CAPET; REVAULT D'ALLONNES. Information evaluation in the military domains: doctrines, practices and shortcomings. In: CAPET, P; DELAVALLADE, T. (Eds.) *Information Evaluation*. London: ISTE Ltd., 2014. p. 103-127.

CEPIC, Marco. *Espionagem e democracia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

DORONIN, Aleksandr Ivanovich. *Biznes-razvedka* [em russo: *Espionagem industrial*]. 5. ed. Moscou: Osi-89, 2009. Disponível em: <https://studfile.net/preview/5288609/page:14/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

DHAMI, M. Towards an evidence-based approach to communicating uncertainty in intelligence analysis. *Intelligence and National Security*, 30 Oct. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/02684527.2017.1394252>. Acesso em: 18 abr. 2023.

HANSON, J. The admiralty code: a cognitive tool for self-directed learning. *International Journal of Learning, Teaching and Educational Research*, v. 14, n. 1, p. 97-115, nov. 2015. Disponível em: <https://www.ijlter.org/index.php/ijlter/article/download/494/234>. Acesso em: 18 abr. 2023.

IRWIN, D.; MANDEL, D. *Improving information evaluation for intelligence production*. *Intelligence and National Security*. 6 feb. 2019. DOI: 10.1080/02684527.2019.1569343. Acesso em: 18 abr. 2023.

KAMINSKI, M.A. Intelligence Sources in the Process of collection of information by the U.S. Intelligence Community. *Security Dimensions*, n. 32, p. 82-105, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/340647256>. Acesso em: 18 abr. 2023.

KATZ, Y; VARDI, Y. Strategies for data gathering and evaluation in the intelligence community (1991). *International Journal of Intelligence and Counterintelligence*, v. 5, n. 3, p. 313-328, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08850609108435185>. Acesso em: 18 abr. 2023.

LAHNEMAN, W. The need for a new intelligence paradigma. *International Journal of Intelligence and Counterintelligence*, v. 23, n. 2, p. 201-225. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08850600903565589>. Acesso em: 18 abr. 2023.

LEMERCIER, Philippe. The fundamentals of intelligence. In: CAPET, P; DELAVALLADE, T. (Eds.) *Information Evaluation*. London: ISTE Ltd., 2014. p. 55-102.

LUZ, Alessandro R. *O emprego da Técnica de Avaliação de dados (TAD) na Produção do Conhecimento de Inteligência*. 2019. 72 p. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC de Graduação e Especialização em Especialização em Inteligência de Segurança) - UNISUL, Palhoça. Disponível em <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/>

ANIMA/12002. Acesso em: 18 abr. 2023.

MACHADO, André M. Gestão do processo de produção de conhecimentos: o impacto de vieses cognitivos sobre a imparcialidade do conteúdo de inteligência. *Revista Brasileira de Inteligência*, Brasília: Agência Brasileira de Inteligência, n. 13, p. 9-24, 2018.

PICHON, Frédéric *et alii*. Multidimensional approach to reliability evaluation of information sources. CAPET, P; DELAVALLADE, T. (Eds.) *Information Evaluation*. London: ISTE Ltd., 2014. p. 129-159.

RONIN, Ronan. *Svoia razvedka*. [Em russo: *Nossa espionagem*]. [s.l.]: Ozonio, 2002. Disponível em: <https://altairbook.com/books/4735699-svoja-razvedka.html>. Acesso em: 18 abr. 2023.

ROSE, Robert N. *Restructuring the U.S. Intelligence Community*. The George Washington University: Center for Cyber and Homeland Security, 2017. Disponível em: <https://cchs.gwu.edu/sites/g/files/zaxdzs2371/f/downloads/Rose-DNIPaper-2017.pdf>. Acesso em: 2 set. 2022.

WILLIAMS, H; BLUM, I. *Defining second generation open source intelligence (OSINT) for the defense enterprise*. Santa Monica: RAND Corporation, 2018. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/AD1053555.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.

UNITED STATES. Department of the Army. *Open-Source Intelligence: Producing OSINT*. July 2012. Disponível em: <https://irp.fas.org/doddir/army/atp2-22-9.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.